



O POEMA - 10:57

Mohsen Emadi*
Tradução de Cláudio Aguiar

Mohsen Emadi (Irã, 1976) poeta e tradutor, publicou os livros de poesia: *A flor das linhas* (Lola Editorial, 2003), *Não falar sobre seus olhos* (Ghoo Publishing, 2007), *As leis da gravidade* (Oliphant, 2011), *Visível como o ar, legível como a morte* (Oliphant, 2012).

Publicou traduções de Vladimir Holan, Nichita Stanescu, Jiri Orten, Antonio Gamoneda, Cesar Vallejo, Pizarnik, Luis Cernuda, José Gorostiza, Clara Janes, Anna Swir, Milan Rufus, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Em 2007, fundou a Antologia Mundial de Poesia Persa, da qual figura como editor responsável até hoje. Sua poesia foi traduzida para várias línguas, incluindo Inglês, árabe, francês e catalão.

Projetou seus documentários poéticos, “Querido Antonio” (sobre Antonio Gamoneda), “Um poeta no exílio” (sobre o exílio de Luis Cernuda no México) em vários países, incluindo México, Espanha e Portugal. Deixou o Irã em 2009 e passou a viver em vários países europeus.

Atualmente está vivendo na cidade do México (DF), onde trabalha na elaboração de dois livros de poesia, um livro de ensaio sobre a fenomenologia da poesia e um documentário poético sobre a relação entre a infância e a poesia.

Em 2010 recebeu a bolsa de estudos “Finnish Literature Exchange” para sua antologia de poesia finlandesa. No mesmo ano ganhou o Primeiro Prêmio Internacional de Poesia do Medo (Espanha). Em 2011 conquistou a Bolsa Internacional Antonio Machado de Espanha.



* mohsenemadi.org

برای رضا علامه‌زاده

۱

کلمات گورستان اشیایند
صدای اسبی را که در این سطرها یورت می‌رود
از کودکی‌ام نشنیده‌ام
و خنده‌های تو در نوجوانی‌ام پوسیدند
می‌نویسم
انگار به زیارت اهل قبور می‌روم
اگر تصادف زمان مسیری معکوس طی کند
پیچ‌پچه‌های پدرم در گوش متن می‌پیچد
و صدای گلوله
خواب سطرها را بر هم می‌زند
و شعر با موهای آشفته
در اتاقی راه می‌رود
که سال‌هاست پوسیده‌است
کلمات روی نقشه‌ی محو خانه‌ای چیده‌شده‌اند
این‌جا پنجره است
پشت پنجره حیاط است
کسی نمی‌داند که کدام کابوس شعری را بیدار می‌کند
گاهی پنجره و نگاه دزدیده‌ی عروس همسایه را بر می‌دارد
گاه تاب و دوچرخه را
یا دیوار را با همه‌ی نقاشی‌های ارزان‌قیمتش
آن‌قدر نگاهشان می‌کند
تا زنده‌شوند

۲

سال‌ها پیش پیچ‌پچه‌های پدرم
در خواب‌های متنی آواره شد
؛ شعر سه هزار شمع روشن کرد
سه هزار قایق کاغذی ساخت
همه را به اقیانوس سپرد.
حالا که من چمدان‌هایم را بسته‌ام
؛ منتظر اولین قطاری‌ام که مرا برنگرداند
شعر، سوار دوچرخه‌ایست
سراسیمه و لرزان رکاب می‌زند
در دست‌اندازها، چاله‌های آب
نگ در می‌زند
؛ به نجواها و هق‌هقی خیره می‌شود
که می‌ترسند شنیده‌شوند
در گوش متن نجواها آن‌قدر بلندند
که سوت هیچ قطاری را نمی‌توان شنید
من هنوز در ایستگاهم
؛ شعر در خاوران
برده‌های چندین ساله را
ز نگاه نگهبانان دور می‌کند.

۳

یک سال پیش
 شعر از شکاف سیم‌های خاردار می‌گذشت
 سربازان بر تپه‌های پستان‌هایت پاس می‌دادند
 لب‌های تو را می‌دزدید
 دست‌هایت را
 و تنت را از نو می‌آفرید
 امسال سربازان بر لبه‌ی هیچ پاس می‌دهند
 تنت، سرقت شده است.
 در ایستگاه
 نیمکت‌م را مرده‌ای اشغال کرده‌است
 که شعر نامش را نمی‌داند
 همانطور که نام تو را یاد نمی‌گیرد
 گلوله و خون گرم
 در سطرها رسوخ می‌کند
 هیچ کاغذی خون را بند نمی‌آورد
 ایستگاه پر از مسافرانی است که مرده‌اند
 جوخه‌های آتش
 طناب‌های دار
 منتظر هیچ قطاری نیستند
 پیچ‌پچه‌ی گورکنان
 زنگ سه هزار خانه را به صدا در می‌آورد.
 سه هزار دوچرخه
 در کوچه‌ها رها شده‌اند.

۴

میچ شعری روبروی جوخه‌ی آتش نایستاده است
 جوخه‌ی آتش هم نمی‌داند
 که کجای شعر را باید هدف بگیرد
 نقطه قیمت آب و برق را بالا می‌برد
 رخ اجاره و هزینه‌ی کفن و دفن را
 نمی‌توانم برای سه هزار مرده در ایستگاه سیگار بخرم
 ما می‌توانم همه‌ی آن‌ها را زنده کنم
 نمی‌خواهم شعر را وادار کنم
 ن‌ها را به گورستانی برگرداند
 که دیگر وجود ندارد
 قط می‌خواهم به یادش بیاورم
 که دوچرخه‌های رهاشده پوسیده‌اند
 صدای زنگ مکرر در را هیچ‌کس نخواهد شنید
 ن‌ها در ایستگاه خواهند ماند
 اگر شعر بتواند از هر خواننده یک بلیط بگیرد
 ن‌ها را سوار اولین قطار یک‌طرفه می‌کند.
 سرزمین من
 سه هزار مرده در ایستگاه طبیعی است
 سه هزار مرده در قطار طبیعی است.

۵

در ایستگاه‌های مرزی
 بان‌های ما را توقیف می‌کنند
 کلماتمان از مرز که رد می‌شوند می‌پوسند
 بن دست‌هایت را بیرون ایستگاه رها کرده‌ام

سوت قطار کلماتم را دستپاچه می کند
 کلمات همه‌ی کوبه‌ها را پر کرده‌اند
 کابوس‌های هزار ساله می‌بینند.
 کلمات من جوان‌اند
 سی‌ساله‌اند
 زیر این لباس زندانی اما
 لایه بر لایه
 بر خود انباشته‌اند.

زرد، رنگ اولین کفش مدرسه‌ام نیست
 سرخ، رنگ قلک و
 آبی، رنگ اولین دوچرخه‌ام.
 کلمات با رنگ‌های پیرهننت بالغ شدند
 گله‌ی اسب‌های گریان بودند
 رنگین‌کمانی که از تن در می‌آوردی
 که در هوا قوس بر می‌داشت
 و روی گل و لای سقوط می‌کرد
 روی دستبند، تاریکی، فرمان آتش.

برای نان و شیر در این صف بلند نایستاده‌ام
 ایستاده‌ام تا زبانم را تحویل دهم
 همه چیز از مرز که رد می‌شود، سبک‌تر می‌شود
 ایستاده‌ام تا ترجمه شوم
 دوچرخه‌ای روی مرزهای من راه می‌رود
 بر دست‌اندازها، چاله‌های آب
 شعر به حروف ربط و اضافه خیره می‌شود

نر فاصله‌ی من و من
 بن تا از بر یا من
 اران می‌بارد
 ر حروف ربط و اضافه
 ر نسبت‌ها.
 نر باران من از تو دور می‌شوم
 ؛ خاوران در فاصله‌ی من و تو
 ؛ سیخ می‌شود.

نر زبان من
 هر وقت همه ناگهان سکوت می‌کنند
 بک پاسبان به دنیا می‌آید
 نر زبان من
 ر ترک هر دوچرخه‌ی هراسان
 سه هزار کلمه‌ی مرده نشسته‌است
 نر زبان من
 ا پچ‌پچه اعتراف می‌کنند
 ا نجوا سیاه می‌پوشند
 ا سکوت
 :فن می‌شوند
 بان من
 سکوت است
 چه کسی سکوت مرا ترجمه می‌کند
 من
 چطور از مرز رد شوم؟

1

As palavras são o cemitério das coisas
 o trote de um cavalo sobre estas linhas
 são o som que eu não ouvia desde a minha infância
 durante a minha adolescência
 o teu riso enlanguesceu
 escrevo
 como se peregrinasse à cidade dos mortos
 se, por acaso, o tempo pudesse retroceder
 ressoariam os murmúrios de meu pai

nos ouvidos deste texto, o som de uma bala
 estorvaria o sonho dessas linhas
 e um poema de juba selvagem pediria passagem
 num quarto
 abandonado durante anos
 as palavras foram colocados num plano descolorido
 da casa:
 aqui está a janela
 para além da janela, o pátio
 ninguém sabe que pesadelo desperta o poema.
 às vezes, a janela com blocos discretos olha a noiva
 vizinha
 por vezes, o balanço e a bicicleta
 ou o muro com seus desenhos inócuos
 os contemplam

até que cobram vida
 do vizinho
 só então, aspirando e expirando coisas vivas
 voltam a dormir

2

Faz anos que os murmúrios de meu pai
 perderam-se no texto do sono
 e o poema acendeu três mil velas
 modelou três mil barcos de papel
 e os ofereceu todos ao mar
 agora que eu já arrumei as malas
 e espero o primeiro trem
 para nunca mais voltar
 o poema monta a bicicleta,
 trêmulo e com precipitação
 pedala sobre covas e poças
 toca a campainha de uma porta
 fixa-se nos sussurros e soluços
 temendo que eles ouçam
 mas os sussurros soam tão alto
 que é impossível ouvir o apito de um trem
 Eu ainda estou na estação
 E o poema em *Khavaran*⁴
 protege os mortos daqueles anos passados
 do olhar dos guardas

3. Khavaran é uma localidade a sudeste de Teerã, onde está situado o ex-cemitério Bahai, para onde enviaram prisioneiros de consciência, mortos em massa em 1988. Foi demolido pelo governo em janeiro de 2009

3

Há um ano
 o poema deslizou por cima do alambrado
 onde os soldados patrulhavam as colinas de seu peito
 roubou teus lábios
 tuas mãos
 e recriou-te peça por peça
 este ano, os soldados só assistiam:
 teu corpo foi roubado há tempo
 na estação
 meu banco é ocupado por um morto
 cujo nome o poema desconhece
 tampouco aprenderia o teu
 balas e sangue quente
 encontrariam o caminho para estas linhas
 nenhum papel pode deter esta sangria
 a estação está cheia de passageiros mortos
 os pelotões de fuzilamento
 e cordas
 não esperaram nenhum trem
 de má vontade, os coveiros
 tocam as campainhas de três mil casas
 três mil bicicletas abandonadas
 estão espalhadas pelos becos

4

O poema não está parado frente a um pelotão de fuzilamento
 tampouco o pelotão de fuzilamento
 no poema, sabe para onde deve apontar
 somente aumentam o preço da água e da luz,
 do aluguel e das despesas de funeral
 eu não posso comprar cigarros para três mil mortos
 porém posso ressuscitá-los a todos eles
 eu não quero forçar o poema
 a devolvê-los a um cemitério
 que deixou de existir
 eu só quero lembrar
 que todas as bicicletas abandonadas já estão danificadas
 e ninguém voltará a ouvir a repetição da campainha na porta
 os mortos ficarão na estação
 e se o poema pode garantir um bilhete para cada leitor
 ser-lhe-á enviado no primeiro trem que passar
 em minha terra
 é normal três mil mortos em uma estação
 é normal três mil mortos em um trem

5

Nos postos de fronteira
 eles prendem nossas línguas
 nossas palavras se deterioram quando cruzam essa linha

eu soltei tuas mãos fora da estação
 o apito do trem apressa minhas palavras
 as palavras ocuparam todas as cabines
 têm pesadelos de mil anos
 minhas palavras são jovens
 têm trinta anos de idade
 porém presas a este manto
 manto por manto
 foram se acumulando
 o amarelo não foi a cor dos meus sapatos de colégio
 tampouco era vermelha a cor do meu mealheiro
 nem azul a cor da minha primeira bicicleta
 as palavras têm crescido com as cores da camisa;
 eram uma manada de cavalos fugindo
 um arco-íris que arrancarias de teu corpo
 e com ele formarias uma grande curva no ar
 e cairias na lama e no barro
 sob algemas, no escuro e sob a ordem de fogo

6

Eu não estou em uma longa fila à espera de pão e leite
 estou aqui para entregar minha língua
 aquele que cruza a fronteira perde peso
 estou aqui para ser traduzido
 uma bicicleta percorre minhas fronteiras
 por covas e poças

o poema se fixa nas conjunções e preposições
 a distância entre mim e eu
 me a-ante-cabe-con-contra mim
 chove sobre conjunções e preposições
 sobre as relações
 na chuva
 eu me afasto de ti
 e, nesta distância, *Khavaran*
 vai se ampliando

7

Na minha língua
 quando todos se calam
 de repente nasce um policial
 na minha língua,
 por trás de cada bicicleta assustada
 sentam-se três mil palavras mortas
 em minha língua
 a gente murmura as confissões
 vai vestida de sussurros pretos
 é sepultada
 em silêncio
 minha língua
 é silêncio
 quem traduzirá meu silêncio?
 como vou atravessar esta fronteira?